
A expressividade poética de Dora Ferreira da Silva

Rannyelle Silva de Oliveira¹
Maria Severina Batista Guimarães²

Resumo: Este artigo tem como objetivo compreender a magnitude que a poesia expressa em alguns poemas de Dora Ferreira da Silva ao nortear a temática mitológica que envolve as deusas e sua vitalidade para contribuir em uma reflexão profunda sobre a própria essência da identidade humana. O fazer poético vai sendo construído pela via da subjetividade lírica, com uma linguagem singular que a poetisa desdobra na sua misteriosa orquestração de escrita. Dora problematiza questões de perda de identidade, imposição dos valores patriarcais e a presença do feminino sendo vislumbrada como uma luz que ressurge para alimentar esperança, sonhos e vivacidade. E por esse parâmetro, reconstitui um sujeito lírico com aspectos de luta e vigor, deturpando a conjectura que confere ao “eu” feminino, conhecido geralmente por ser dotado de fragilidade. Como embasamento teórico para este trabalho, faz-se menção citar, autores como: Octavio Paz (1982), Dominique Combe (2009-2010), Goiandira Camargo (2016), Michel Collot (2013) dentre outros, para enriquecer, enquanto fortuna crítica, a pesquisa.

Palavras-chave: Poesia Contemporânea. Subjetividade. Sujeito lírico.

THE POETIC EXPRESSIVENESS OF DORA FERREIRA DA SILVA

Abstract: This article aims to understand the power that poetry expresses in the work of Dora Ferreira da Silva in guiding the mythological theme that involves the goddesses and their vitality to contribute to a deep reflection on the very essence of human identity. The poetic making is being constructed by through lyrical subjectivity, with a singular language that the poetess unfolds in her mysterious orchestration of writing. Dora problematizes issues of loss of identity, imposition of patriarchal values and the presence of the feminine being seen as a light that resurfaces to feed hope, dreams and liveliness. And by this parameter, reconstitutes a lyrical subject with aspects of warrior and vigor, misrepresenting the conjecture that confers on the feminine self, generally known to be endowed with fragility. As a theoretical basis for this work, mention is made of authors such as: Octavio Paz (1982), Dominique Combe (2009-2010), Goiandira Camargo (2016), Michel Collot (2013) among others, to enrich as a critical

¹ Possui graduação em Letras - Português e Inglês pela Universidade Estadual de Goiás (2017). Trabalhou como professora regente no - Colégio Estadual Polivalente de Palmeiras de Goiás. Atualmente, trabalha como professora Assistente de Língua Inglesa - ITEGO, Padre Antônio Vêrmeij em Palmeiras de Goiás. Desenvolveu e participou de trabalhos acadêmicos na área de Letras, com ênfase em Literatura Comparada, atuando principalmente nos seguintes temas: Poesia Contemporânea, Subjetividade, Sujeito lírico, Personagem e Relações assimétricas, Ditados populares, Poesia e Sintagma. Atualmente também é mestranda no Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade - POSLLI pela Universidade Estadual de Goiás.

² Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Goiás (1997), mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2000) e doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2006). Atualmente é pesquisadora da Universidade Federal de Goiás e estatutário da Universidade Estadual de Goiás. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira Lírica Moderna, atuando principalmente nos seguintes temas: lírica, lírica, contemporânea, literatura. ensino. experiência., literatura, ensino e poesia e ensino, leitura de poesia, formação humana.

fortune, research.

Keywords: Contemporary Poetry. Subjectivity. Lyric subject.

Considerações iniciais

“É preciso que venha de
longe do vento mais
antigo
ou da morte
é preciso que venha
impreciso inesperado
como a rosa
ou como o riso
o poema inecessário”.

Dora Ferreira da Silva

O presente artigo tem como propósito analisar a construção da subjetividade lírica na poesia contemporânea de Dora Ferreira da Silva³ pela via da energia vital de deusas que apresentam traços líricos, além de restabelecer a imersão da interioridade e da inserção do cósmico em diálogo com a tradição literária. Além disso, será importante salientar como é configurada na obra *Poesia Reunida* (1999) da autora mencionada, o sujeito lírico moderno, mostrando como o eu poético é prospectado pela reativação do mito, ao conferir no sujeito a condição de retornar à essência humana.

A escolha pela abordagem do sujeito lírico se deu pela relevância que este representa na poesia de Dora Ferreira da Silva, uma vez que é por meio da voz de um eu mulher que trará luz para enfatizar com vigor a voz feminina mediante a práxis do fazer poético que culminará no elo entre as coisas inauditas e segredos reprimidos impostos pelo universo misógino.

Também serão percorridos caminhos para perceber como o sujeito lírico se configura (dentro da poesia) na voz lírica, ao apontar a relação congruente entre forma e substância, uma vez que será a partir do desdobramento do poema, como sugere o professor alemão Emil Staiger (1993) que o próprio ouvinte decodifica cada intenção dos lexemas e fonemas. Por este parâmetro, se conduz a instância que insere o ato de

³ Dora Ferreira da Silva, brasileira. Foi poeta, tradutora do poeta alemão Rainer Maria Rilke e do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung. Ganhou três vezes o Prêmio Jabuti. Escreveu oito livros entre 1948 e 1997, abrangendo uma produção poética de 50 anos.

poetar suscitando o sujeito lírico ao ouvinte.

Por fim, será relevante notar a perspectiva de Dora ao trabalhar com o universo feminino para retratar a temática do sagrado contida no livro *Poesia reunida* (1999), no qual a presença vital das deusas será apreendida como fator de subjetivação na poesia da autora.

Em suma, o artigo que será realizado tem por fim abordar a poesia de uma autora paulista, cuja obra é carente de estudos, mas é construída de forma exímia e singular. Uma vez que evoca o universo feminino convidando o leitor ou leitora a refletir sobre questões que envolvem

a dessacralização posta em xeque pela humanidade. Assim, ressalta-se que, através da leitura e estudo da poesia contemporânea de Dora Ferreira da Silva, a pesquisa pode representar uma contribuição significativa no estudo e conhecimento literário que a poetisa, tradutora e crítica, respalda ao nortear aspectos da tradição e contemporaneidade que se funde numa poesia singular a qual entrecruza temas com conhecimentos filosóficos, literários e psicológicos, conferindo ao próprio leitor a sensibilidade de refletir sobre os problemas da sociedade.

1 Elementos constitutivos da poesia lírica: buscando uma definição

Pois bem, quando a poesia acontece como uma condensação do acaso ou é uma cristalização de poderes e circunstâncias alheios à vontade criadora do poeta, estamos diante do poético.

Octavio Paz

O espaço desconhecido e pouco explorado da alma humana é uma particularidade do estilo lírico. Segundo o professor alemão Emil Staiger, a obra lírica é “estado de unicidade (Einssein), é mais íntimo que a mais sagaz perspicácia de espírito (...) e a alma é mais profunda que qualquer tentativa de interpretação psicológica” (1993, p.21). Na representação da lírica, há um tom enigmático bem profundo que tenta parcialmente exprimir por meio da linguagem a intenção do poeta, pois a palavra não consegue abstrair todo o mistério da intimidade do indivíduo.

É necessário entender o valor que tem cada vocábulo, os versos dentro do poema e a música nas palavras, pois são elementos que constituem a lírica, cada unidade representa uma significação que é indispensável e insubstituível no plano espiritual.

Também é pertinente dizer que há diversos modos de fazer poesia, pois cada poeta tem um lirismo mais agudo ou mais brando. O importante é perceber que quanto mais há lirismo na poesia, mais enigmática ela é. Portanto, o leitor que declamar um poema requer uma profunda submersão, uma inspiração para que suscite todas as inquietações do eu lírico no qual “evocam as profundezas do sentimento inaudito que nós mesmos não conhecemos” (STAIGER, 1993, p. 22).

Outro aspecto que importa dizer é pensar “que a verdadeira força e valor de uma poesia estão na situação, em seus motivos” (STAIGER, 1993, p. 25). Isto mostra que a poesia não deve somente ser apreciada na beleza e sensações. De acordo com Joaquim Rosa (2016), ela precisa tratar o que realmente tem de vida..

Escrever poesia é uma maneira de ler o mundo. A leitura de mundo é observada por um viés que pode causar estranheza simplesmente pelo fato de aderir uma corrente que é pensada de maneira contrária à dos sofistas e/ou sociedade vigente, em que o ser humano impõe seu discurso sobre as coisas. Porém, a leitura de mundo para os filósofos Platão e Aristóteles é inversamente, pois eles enxergaram que o enunciador do discurso reside nas coisas da vida e tudo que há no mundo, assim o sujeito capta e reproduz como centro do fazer poético para proferir o discurso de que “o mundo possibilita o acontecimento de todas as coisas e, encoberto no ‘acontecimento das coisas’, vai se descobrindo para nós” (CAMARGO, 2016, p. 95).

Nessa instância, o poeta vai desnudar cada acontecimento do mundo para perceber o sentido e a razão, que são preponderantes para constituir o saber que o ser humano carece para a existência humana, e assim há o (re)descobrir de tudo que o ser associa às coisas, pode-se fazer uma interrelação da significação das palavras poesia e mundo ao correlacionar que o discurso que será feito/produzido pelo sujeito se dá pelo recolhimento e junção dos acontecimentos e da vida no espaço interior.

Para melhor esboço e esclarecimento acerca da leitura de mundo da poesia através das coisas, Joaquim Rosa (2016, p. 97) diz:

Na verdade, isso significa que, num certo sentido, que é o sentido da razão de ser de tudo, a existência do universo fica suspensa da nossa palavra de humanos. É como se acontecesse de modo incompleto, esperando a redenção e a completude que virão da palavra e discurso dos humanos. O mundo e todas as coisas não estão perfeitos e aguarda um fazedor, um *poietés*, um poeta que os conduza à plenitude e à perfeição.

É mister constatar que o fazer poético precede a leitura de mundo. O discurso que é interiorizado no ser humano teve influência das coisas e acontecimentos do mundo, por isso as palavras e o fazer poético têm uma relação intrínseca com a manifestação exterior, na qual evocam afeições interiores entrecruzando o emaranhado de coisas recolhidas no mundo e sentidas do próprio “eu” como descreve o crítico Joaquim Rosa (2016).

O poeta e ensaísta Octavio Paz (1982) descreve com excelência a onipresença que a poesia possui, pois ele pontua que ela é uma unidade autossuficiente e está presente em tudo que é sublime. Aponta que a criação poética advém de forma involuntária das coisas e circunstâncias e o poeta é um objeto da poesia que tem um fio condutor para ser emissor da mensagem para obtenção do canal (poema). A poesia, discutida por Paz (1982), tem como primazia encarnar algo que transcenda e ultrapasse o concreto e o real. Visto que, ao trabalhar as possibilidades de interpretação, mostra a ambivalência, que é o significado e o significante.

Nas palavras de Paz, pode-se perceber toda a amplitude que a poesia contém:

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual é um método de libertação de interior. A poesia revela este mundo; cria outro (PAZ, 1982, p.15).

Diante da importância que a poesia possui ao abarcar diversos lugares (espaço fictício e sentimentos, real interior e exterior), considera-se que ela é uma unidade indispensável para o lirismo. Ao observar a forma literária do poema quando é tocado pela poesia amorfa, percebe-se que ele é capaz de tocar o plano espiritual. Assim, a poesia põe ao alcance o encontro dela com o ser humano e do poeta com o leitor.

Todavia, explicitar a interrelação entre o poema e a poesia, apesar de difícil, é crucial para entender o decurso do fazer poético. Diante da fruição do eu lírico, o leitor consegue captar e fazer a mediação com o poema, alcançando a experiência poética. Por este parâmetro, atribui-se ao poema um espaço à disposição do ser humano para que revele no seu íntimo a plenitude de transmutação da sensação abstrata experimentada na via de acesso do poema, e perceber que a poesia é vivida através da participação do leitor por meio da leitura do poema, e assim reitera no leitor o estado de espírito que é a experiência do fazer poético. Nas palavras de Paz, “cada vez que o leitor vive realmente o poema, atinge um estado que podemos, na verdade, chamar de poético. A experiência [...] é sempre um ir além de si, um romper muros temporais, para ser outro” (1982, p.

30). De acordo com a citação de Paz, é importante ressaltar que para o poema se tornar vivo e eficaz poeticamente prescinde-se de um leitor, pois é por meio da experiência com o poema que o ser vive a poesia.

2 Uma visão contemporânea sobre a subjetividade e o diálogo com a tradição

A preocupação pautada nesse estudo é nortear a discussão no pressuposto que diz respeito à subjetividade na poesia lírica moderna e contemporânea. A professora com formação em pós-doutorado Goiandira Ortiz de Camargo aborda o assunto referido, baseando-se na perspectiva de Hegel ao proferir que:

[...] com a modernidade literária, que trouxe a autonomia da arte e invenção como valor estético da obra e colocou outros componentes no espaço da poesia lírica, como o rompimento entre o sujeito empírico e o sujeito lírico no poema e a sua ficcionalização; com a ruptura da dicotomia interior-exterior como oposição, que articula na interioridade o espaço do sujeito lírico, por uma subjetividade que se desloca para o mundo à volta do poeta, experimentando e dando voz à alteridade de coisas, objetos e pessoas em movimento avesso ao lírico tradicional: com o verso que incorpora outras possibilidades, ora mantendo a forma linear, ora se esfacelando e explorando a espacialidade como recurso de significação (2016, p. 57-58).

Ao refletir sobre a dimensão que possibilita a subjetividade na poesia contemporânea, percebe-se que há uma dissonância no que concerne à subjetividade tradicional, que remete à Grécia antiga, conceituada e pré-concebida como sentimentos e interioridade do eu lírico do poeta. Assim, faz-se necessário rever, ampliar e transformar tal ideia para entender a pluralidade significativa que a mesma permite no poema, pois ao referir ao termo subjetividade numa visão atual, problematiza-se a ilusão de identidade relacionada somente ao eu empírico. Portanto atenta-se também uma concepção no qual o sujeito é fragmentado e percebido por uma realidade desconhecida (cosmo) e infinita em que há uma busca incessante por novidades.

O sujeito lírico contemporâneo, diferente do tradicional, trabalha em movimento ao buscar reflexão, consciência em si mesmo. Pelas dualidades referidas, é fundamental perceber que a subjetividade na poesia moderna sublima uma inquietação na procura do mistério que envolve sujeito lírico e o sujeito empírico enquanto constituídos por realidades distintas, pois, é por meio da fragmentação e alteridade do

eu que vai se construindo uma vertente moderna sobre o sujeito lírico e a subjetividade. Pela materialidade do texto poético, Goiandira Ortiz diz que “o poema é uma reflexão descritiva do esvaziamento da subjetividade e revela a consciência aguda da fragmentação do homem contemporâneo, da segregação da experiência, da perda de si” (2016, p.65). Diante das ponderações, é oportuno perceber que refletir sobre a multiplicidade do sujeito lírico na poesia é uma forma de compreender a própria análise feita a si própria para criar outro sujeito que viva a realidade idílica.

Ao retomar outras peculiaridades do percurso da lírica contemporânea, verifica-se que poetas e escritores estudaram registros de autores antepassados e atuais, o que estabelece uma relação de conexão entre os tempos. Este fato referido pressupõe o diálogo com a tradição e faz inferência no que concerne ao trajeto da poesia, através da história e temas literários abordados, como exemplo, faz-se menção à mitologia. Diante da discussão, é fundamental frisar que a poesia lírica no Brasil, como foi dito anteriormente, dialoga e tem um vínculo com tradição literária, principalmente por retomar estudos de autores que abordaram temas como a mitologia.

Compreender o significado e as transformações da história da poesia do século XX é um caminho que Octávio Paz (1984) busca ao sustentar duas questões pilares, que toda ruptura se transforma em tradição, assim como o novo torna-se velho. Ao tentar romper com a tradição clássica antiga, negar tudo o que produzia, funde-se em outra contradição com o passar do tempo. Toda a ideia de progresso ou avanço não basta somente para a poesia, pois ela irrompe da convergência dos tempos passado e futuro e assim comunicam com o agora.

O desdobramento que Paz (1984) faz referente à história da poesia moderna, reitera na ambiguidade da recusa e fascinação pela razão crítica. Paz descreve os conflitos instaurados entre os românticos e a Revolução Francesa num período de instabilidade política e ideológica para evidenciar que através da busca pela liberdade a poesia ganha voz. Octavio Paz retoma a natureza da poesia ao acrescentar que:

A palavra poética é mediação entre o sagrado e os homens e, assim, é verdadeiro fundamento da comunidade. Poesia e história, linguagem e sociedade, a poesia como ponto de interseção entre o poder divino e a liberdade humana, o poeta como guardião da palavra que nos preserva do caos original: todas estas oposições antecipam os temas centrais da poesia moderna (1984, p.62).

O contexto em que a poesia é deflagrada provém de antagonismos que Paz (1984, p. 63) ressalva ao fomentar “o amor pelo estranho e pelo grotesco, a união entre o cotidiano e o sobrenatural, o gosto pelo sacrilégio e pela blasfêmia”, todas as características mencionadas residem em um tom irônico, no qual a contradição instaura um paradoxo de coisas esdrúxulas que o poeta incorpora.

Verifica-se que Octavio Paz traz reflexões antagônicas de alguns poetas e filósofos como Nietzsche, Shakespeare, Mallarmé, entre outros, para fazer menção à presença mítica na poesia, a ironia e angústia que persiste em seu discurso relacionado à aversão à religiosidade (cristianismo), e posiciona-se a favor da inexistência de Deus, por mais que apresente dois mundos idílicos no qual Deus é mortal e perece por sacrifício, e Jesus Cristo é uma ‘criatura órfã’. O poeta e crítico medita que há “[...] um cristianismo sem Deus. Ao mesmo tempo, a morte de Deus provoca na imaginação poética um despertar da fabulação mítica, e assim cria-se uma estranha cosmogonia, em que cada Deus é a criatura, o Adão, de outro Deus” (PAZ, 1984, p.73). O outro mundo imaginário que Paz mostra é o paganismo, usa o tema cristão para metamorfosear em mito.

Ao evocar o mito no tema religioso, o poeta quer abordar a poesia como princípio, que é regida pela imaginação poética e tem o fluxo de consciência cedido às paixões e às coisas fabulosas, e assim a poesia fortaleceu em sua função poética e foi “concebida como o verdadeiro fundamento da sociedade” (PAZ, 1984, p.75). Neste período, ocorre o enfraquecimento da religião, pois os filósofos e poetas acreditavam que a escritura sagrada resultava da imaginação poética, e que teólogos transformavam tal imaginação em crenças, para estabelecer como verdades absolutas impostas sobre a sociedade.

Portanto, diante da percepção de Paz, cabe salientar que a projeção feita da poesia moderna não é proveniente da visão religiosa ou revolucionária, mas advém da imaginação poética, da palavra que não assinala período específico e da ironia que reside na mortalidade (envelhecimento) da poesia e da genialidade poética do ser humano.

2 A subjetividade lírica na poesia de Dora Ferreira da Silva

*Sou poeta isto é deixo que
a beleza venha e a acolho
em minha alma seu ninho
natural
para que subitamente levante voo.*

Dora Ferreira da Silva

Dora Ferreira da Silva é uma escritora paulista, de Conchas, expoente da voz feminina, reconhecida por diversos críticos e poetas em virtude de escrever poesia brasileira contemporânea, abordando uma multiplicidade de temas que expressam a transcendência visceral extraída do cósmico. É preponderante reportar à poetisa como autêntica e grandiosa principalmente por captar em seu labor “o poder encantatório [...] sua magia verbal, na sua retórica de efeito reversível e projetivo ao mesmo tempo” (CANNABRAVA, 1999, p.429). Convém proferir que a escritora também foi tradutora de poetas alemães como Rilke, Holderlin, do sacerdote San Juan de la Cruz e outros renomados. Angariou prêmios em sua trajetória como escritora destacando que “recebeu o Prêmio Jabuti por duas vezes atribuído a *Andanças* (1970) e *Poemas da estrangeira* (1996); e a menção honrosa do Pen Center a *Talhamar*, em 1982” (Cesar, 1999, p.475). Com êxito, recebeu o prêmio Machado de Assis pela Academia Brasileira de Letras por ter publicado a brilhante obra, *Poesia Reunida*, em 1999, que engloba oito livros, contendo obras como *Uma via de ver as coisas*, na qual o sujeito lírico é visto pelas próprias coisas que ele conhece.

O poema “Mulher e pássaro”, da obra *Poemas da Estrangeira*, contida na publicação *Poesia Reunida* (1999), é significativo por mostrar a questão da voz lírica e como o eu lírico é evocado.

MULHER E PÁSSARO

Linha invisível
liga-me àquela andorinha:
tato
percor
rendo
um
trajeto
de comunhão.

O pássaro
debate-se em
meu peito.
Ou coração? A andorinha
se esvai na tarde.
Leva consigo o que
não sei de mim.

SILVA, 1999, p.282

Diante da leitura feita a respeito do poema Mulher e pássaro, há uma proximidade entre a mulher que estabelece uma conexão com o pássaro, o eu lírico cede lugar ao inconsciente, seu pensamento e matéria são consumados pela presença simbólica da andorinha, ela representa o íntimo, a profundidade que o sujeito lírico, “mulher”, carrega em si. Conforme a postura teórica da Crítica do Imaginário mostra-se por meio do ser uma “tendência para a animalização o do seu pensamento e uma troca constante faz-se por essa assimilação entre os sentimentos humanos e a animação do animal” (2002, p. 71).

Nesta esfera, por mais que trate da animalidade, o poema é sublime e espiritual à medida que simboliza na imagem do pássaro o fazer poético, uma vez que o eu lírico se comunga no voo da andorinha. Vislumbra-se nos dois versos “debate-se em meu peito/ Ou coração?” o próprio fazer poético, visto que representa a unidade entre Eu e poesia. A professora Karyne Costa, mestra em estudos literários, considera que (2015, p. 2-3):

Eu e poesia, simbolizados pela ‘Mulher’ e pelo ‘pássaro’ se fundem em um organismo vivo e acomodam uma totalidade, simbolizados pela imagem coração. Poesia e vida são, nesse sentido, um exercício de comunhão, totalidade e devotamento.

O fortalecimento da presença poética é inaugurado também nos seguintes versos “se esvai na tarde. Leva consigo/ o que não sei de mim”. Por este parâmetro o sujeito lírico atinge o desdobramento profundo da solidão, pois o sujeito se encontra somente no estado pleno devido à presença do pássaro, que configura no “eu” a inspiração poética. Também se verifica que o pássaro representa a “sacralidade ancestral” (COSTA, 2015, p.3), pois ele patenteia e proporciona uma fonte de mistério e experiência para o eu lírico, lograda e assimilada no plano subjetivo, desconhecido, no mundo concreto. Também é necessário ponderar que o ato de imiscuir entre pássaro e

eu lírico é um estágio intangível, uma vez que há sinal da transcendência quando o sujeito lírico faz um “trajeto”, esta viagem, é uma das nuances que suscita todas as aspirações possíveis não reveladas, seja a dor, solidão, medo, dentre outras sensibilidades.

2.1 A alma feminina na poesia de Dora Ferreira da Silva

Dora Ferreira da Silva constrói sua poesia mediante uma inquietude da realidade que é ancorada através de valores patriarcais e da visão etnocêntrica masculina. A poetisa retoma este contexto para mostrar o vigor do universo feminino ao conduzir para um ‘espaço imaginário’ no qual o eu lírico tem a liberdade em experimentar todas as sensibilidades e vicissitudes desconhecidas, dando vazão ao sublime ao “tornar conhecida a voz da alma” (Guimarães, 2006, p.1). Parte do pressuposto para entender que o mito funde-se nesse estado de alma, por apresentar uma visão aprofundada de mundo, que implica e/ou acarreta dizer que o ser humano tenta a descoberta da própria existência por meio do fluxo de consciência.

Subjaz no poema de Dora Ferreira da Silva (1999) uma preocupação com a dimensão semântica da palavra, pois há uma intencionalidade por parte da autora em transformar o que é concreto em simbólico (imagem), isto decorre através da disposição e organização dos vocábulos escolhidos. Portanto, nota-se a tentativa da poetisa em reativar o mítico no poema. Para isso, ela sucede através das escolhas vocabulares e assim instaura o fazer poético para projetar o mundo simbólico ao ouvinte, despertando nele a curiosidade para instigá-lo a fragmentar cada unidade estrutural, condicionando o leitor para se arrebatado para o devaneio, o inefável e assim permear ao novo, à origem. Incumbe dizer que para chegar ao alcance da origem, o leitor teve que esmiuçar e debruçar sobre o poema para atingir a sensibilidade da essência. O poema “boneca” permite que o leitor perfaça este debruçar.

BONECA

A boneca de feltro
parece assustada com o próximo milênio.
Quem a aninhará nos braços
com seus olhos de medo e retrós?

O signo da boneca
é frágil mais frágil
que o de pássaro.
Confia. Assim
passiva

o vento
brincará
contigo
franzirá teu
avental
dirá coisas que
entendes desde
a aurora das
coisas:
foste um caroço
de manga uma
forma de nuvem
ou galho com braços
de ameixeira no quintal.

Não temas.
Solta o corpo
de feltro.
Assim.
ara ser embalada
nos braços da
menina que
houver.

A linguagem envolvente e o mistério que causam os poemas de Dora são singularidades que percorrem toda palavra poética. Afinal, o poeta para criar o poema, não se limita, mas usa temas universais, atemporais e explora o estranho e o infinito do cosmo, sendo assim, traz à tona a representação simbólica, o mito. É magnífica a sagacidade de Dora em aproximar o mundo imaginário dentro do próprio eu, é uma sintonia ímpar, sensação nova e valiosa, que permite o ser humano captar as emoções que não estão impressas no mundo concreto, palpável, à medida que o novo dialoga e provém da tradição. Pois a realidade, por si, é supérflua e não dispõe a experiência das entrelinhas.

Parte-se da noção e importância da poesia para dar mérito a ela, ao reconhecer que é por meio da leitura da poesia que o indivíduo poderá experimentar o ‘olhar profundo’. O sujeito e mundo se entrecruzam para que o ser penetre no próprio “eu” da alma, assim, desejos, possibilidades e outras identidades sejam criadas, reinventadas, numa intimidade que o mundo simbólico oferece para o leitor sentir-se pleno, feliz e

autônomo. Porquanto ele desprende de todas as coisas do mundo real, ‘a mediocridade’, para enobrecer no universo imaginário. Logo, nota-se que é um desafio da poesia “(...) acender no ser humano o desejo de outra forma de existência” (Guimarães, 2006, p.10). Isto torna possível à medida que o próprio indivíduo tenha consciência em perceber e sentir a plenitude espiritual e corporal.

Dora evoca em sua poesia os anseios da mulher, que foram silenciados diante da imposição e austeridade masculina. Na poesia, a poeta expressa a imaginação poética advinda dos segredos da dimensão interna da mulher. O que é mais valioso ressaltar com a intencionalidade de Dora ao envolver o mito e a presença feminina no poema, é condicionar a própria figura feminina a outro mundo que oferece outra possibilidade que não seja tão limitada, mas que promova no imaginário o reencontro da genealogia de criação pelo infinito.

Maria Severina (2006) discute em seu artigo “A reconstrução do universo feminino na poesia de Dora Ferreira da Silva” que o símbolo é configurado no poema de Dora funcionando como um elo entre coisas do mundo e do sujeito. Também é considerável acrescentar que Maria Severina (2006) parafraseia o pensamento do crítico Vilém Flusser para dizer sobre a presença do símbolo na obra de Dora, pondera que:

O símbolo torna-se além de mediador entre o sujeito e a coisa, também a ponte entre o sujeito e a transcendência. Dora considera o símbolo uma revelação que salva o ser humano de seu alheamento, de sua cegueira. Em sua poesia, o símbolo é um meio de dar significado ao mundo, em especial ao universo feminino, tão carregado de menosprezo, de valores impostos, de dores caladas, de desejos reprimidos, de máscaras. (GUIMARÃES, 2006 p.13)

Conforme foi patenteado, o símbolo é de extrema importância para a epifania mítica dentro do cosmo feminino, pois é através dos símbolos que as imagens são projetadas, e pelas imagens criadas estão intrínsecas todas as lembranças que residem no universo feminino, seja a solidão, a fragilidade ou a submissão. E que a partir desses símbolos haja uma possibilidade-expectativa de que o “eu” olhe para seu íntimo (profundo) com mais amor, coragem e brilho ao presenciar a si e ao mundo com um novo olhar. Faz-se oportuno concluir que a poesia mítica traz o caráter sagrado e humano para a sociedade. Como assevera Guimarães (2006), Dora busca resgatar por meio da mitologia a mulher ancestral para revitalizar a mulher hodierna, transformando-a em mulher selvagem com traços de mulher sonhadora, sábia, humana, fraterna e que resgata a origem e/ou essência desvanecida.

3.2 A presença vital das deusas como fator de subjetivação

A proposta da autora parece ser “evocar certa melodia das origens ou uma imagem do originário” (SILVA, 1999, p.478), evocando figuras mitológicas femininas. Conforme o que o crítico Euryalo Cannabrava (1999) tece sobre a obra poética de Dora, nota-se que se concretiza a ideia de que a poeta tenta reativar o mito pela celebração das deusas, pois para a poetisa, a mitologia é uma forma de retomar a essência do ser humano, entendido como animal místico.

No artigo de Alfredo Bosi (2000), cujo título é “Poesia-Resistência”, nos tempos atuais abordar o sagrado é uma forma de negar a descrença que marca a nossa civilização. O autor integra ao mito uma forma conservadora ideológica, pois “a memória, como forma de pensamento concreto e unitivo, é o impulso primeiro e recorrente da atividade poética” (BOSI, 2000, p.177). Nesse âmbito, Bosi fala da capacidade da memória como fator indispensável para a formação histórica, seja a linguagem, seja reviver o passado pela memória. Isso é um exercício do espírito poético.

Evidencia-se no texto que a resistência de recordar a poesia mítica ocorre pelo receio de desnudar a própria natureza humana. Segundo Bosi, “A poesia que busca dizer a idade de ouro e o paraíso perdido acaba exercendo um papel humanizador das carências primárias do corpo: a comida, o calor, o sono, o amor” (2000, p.179). Nesta perspectiva, a poesia desempenha a função de buscar através do mundo (estado consciente) retomar o inconsciente (poético) para viver o inefável, o devaneio que fora submergido da realidade.

Nas palavras de Bosi, “reinventar imagens da unidade perdida, eis o modo que a poesia do mito e do sonho encontrou para resistir à dor das contradições que a consciência vigilante não pode deixar de ver” (2000, p.181). Neste sentido, há uma valorização da arte que consegue suprir os sentimentos humanos. Na discussão do artigo, é preponderante frisar que a mitologia é vista como parte integrante no desenvolvimento da sociedade, visto que as relações sociais e o modo de ver a natureza são inspirações da mitologia grega que estão contidas na imaginação. Sendo assim, a inspiração mitológica é luz para a imaginação, é a arte que sobrepõe qualquer valor atual.

Dentre as deusas citadas na poesia de Dora, será enfatizada a deusa Afrodite.

Dora configura na deusa “a embriaguez do desejo, mas com a atração amorosa, a doçura e o fascínio, graça, magia do amor” (Silva, 1999, p.470). Vejamos o poema Afrodite, do livro “Talhamar” (Silva, 1982, p.244).

AFRODITE

Disse a deusa a sorrir:
esta manhã o mar deu-
me adereços e vestida de
pérolas
fui a um reino
distante. Cânticos
despertaram vides
e frutos nasceram,
que o sol cultiva
nos pomares.
Coros adolescentes perseguiam Eros
---- o coroado de pâmpanos ----
pois de meus lábios
havia provado o vinho
farto e suave

Liames atando e desatando,
ele a beleza ocultava nas angras mais
profundas, pois quando emergia ----
flâmeo ! ----
o murmúrio do mar as praias
inundava e a embriaguez
vizinha da morte
ameaçava os amantes...

Afrodite apresenta aspectos elementares que correspondem à representação de deusa da beleza, do amor e do casamento. É próprio da deusa o ideário de sensualidade e beleza extraordinária porquanto cada povo atribuía a ela concepções variadas como “Em Corinto incentivava-se a prostituição sagrada no templo da deusa; em Atenas, ela era uma divindade séria e respeitável, protetora do matrimônio e amor conjugal” (Peixoto, 2003, p.55). Como se observa sobre a deusa, Afrodite exala salvação ou perdição, prazer, sedução, amor e comoção pela beleza radiante.

Ao olhar para o poema Afrodite, vê-se que representa a hereditariedade e complemento entre a luz e as trevas pelos fragmentos “(...) dos lábios da deusa (...) o vinho farto e suave” versus “O murmúrio do mar as praias inundava e a embriaguez vizinha da morte ameaça os amantes”.

A autora, ao explorar a característica do mito, torna viva a alteridade, atentando-se para atemporalidade da tradição, a Grécia, que é presente e reflete no

contemporâneo, envolvendo a metafísica no que tange projetar as deusas ao vir-a-ser humano (SILVA, 1982, p.474).

É prudente assimilar as mensagens de Dora através da percepção sensorial particular do leitor que busca um referencial que está além de nós. Para exemplificar, Roland Barthes (2001, p.131) afirma que “O mito é uma fala”, “é um sistema de comunicação, é uma mensagem”. Já Mircea Eliade (2006, p.11-13) considera o mito como um sistema dinâmico proveniente dos arquétipos da humanidade.

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio [...]. Fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. [...] Mito é a palavra, a imagem, o gesto, que circunscreve o acontecimento no coração do homem. (2006, p.11-13)

Dora Ferreira da Silva (1999) reafirma o “parentesco” anunciado por Barthes (2001) através de grande parte de sua obra poética, pois seus olhos atentos e sua alma sensível captam a poesia por toda parte. A poetisa assimila a poesia cósmica com qualquer manifestação de cores, formas, ritmos, em qualquer elemento humano e espiritual, material ou imaterial e transforma em versos. Ela retoma em seus poemas a origem do ser através dos mitos que é identificado no classicismo para mostrar que a humanidade descende dos deuses míticos, que todos são parentes, por serem filhos do mesmo universo.

Dora Ferreira da Silva (1999) constrói, uma vez que a mesma envolve a mitologia para tratar dos mistérios, o inefável. Ao adentrar neste mundo imaginário em que o “eu” cede lugar às nuances do vir a ser, no qual o corpo recebe o alimento para a própria existência e assim produzir uma voz para o leitor a fim de que ele aspire profundamente e com perspicácia o poema, e nessa dimensão seja alimentado. Observemos no poema “Ártemis”, do livro “Talhamar”, como a poeta Dora enuncia a mitologia, (SILVA, 1999, p.244):

ÁRTEMIS

Entre espadas cruzadas de verdes ramos
a nenhum olhar doada, senão às claras pupilas que a
circundam, o fogo branco do corpo queima feixes de
água
e à seta mais ligeira
precede, desferida

num voo mais secreto.
Cantam ursinhas no lago
ao som da harpa que o vento
cego estende à ninfa. Em vagas
se distende a música.
Rolam pérolas nas frentes, em fios de úmidos
vapores. E não seria o som – nem mesmo o sopro
mais ligeiro – companheiro da nudez velada,
se pousasse os ventos aedo as
fortes mãos na harpa atirada ao
colo de Cirene, a clara.

Ao pensar no plano transcendental, a voz evocada provoca e instaura uma inquietação acerca dos elementos constituintes da natureza, por meio do poema pode ser da Ártemis ou do eu que enuncia, pois ao evidenciar o objeto, há uma subjetividade causada no próprio eu lírico, por se tratar de uma criação simbólica/ mitológica, pode representar a plenitude da existência pelo fato de que a origem dá sentido à existência.

Nota-se que neste poema o título já pressupõe tratar da mitologia. A deusa Ártemis representa uma figura bela, genuína, íntegra e forte, tais traços são perceptíveis não somente através do poema, mas pela própria história de existência. Foi acolhida por elementos da própria natureza, isso a faz como deusa guerreira que a priori vive em sua essência um arquétipo da natureza, pois o próprio ambiente desempenha papel preponderante para que a divindade defenda onde vive. Paulo Peixoto descreve a vinda ao mundo de Ártemis, “E foi ali, em Delos, sob uma palmeira, que nasceram Ártemis e Apolo” (2003, p.89). É oportuno ressaltar que a deusa destruía qualquer ser humano que sequer a contemplasse, é como se fosse algo inóspito trazendo desconforto e estranhamento à deusa. E assim foi construída a cristalização de Ártemis, como selvagem guerreira-protetora. Peixoto afirma:

Quão diferente é a figura de Ártemis, jovem vigorosa, íntegra e bela! Vestida de caçadora está sempre pronta para a caçada, com seus arcos e suas flechas; [...] traz a Luz do nascimento, da vida e da fertilidade. (...) A imagem dominante de Ártemis é a da virgem caçadora. Ela se tornou por assim dizer, a divindade da natureza - não em seu aspecto procriativo, mas, virginal, tranquilo e primordial (Peixoto, 2003, p.93).

Ao observar a organização estrutural do corpo do poema, percebe-se que as estrofes estão distribuídas em versos livres, uma importante característica da literatura contemporânea, a forma como as palavras estão dispostas sugere um movimento de leveza (dança), também é constatado um lirismo e musicalidade presente no poema,

como nos versos “Cantam ursinhas no lago /ao som da harpa que o vento cego estende/ à ninfa/ Em vagas se distende a música.”

Ao retomar a mitologia grega, o poema revela a graça da divindade que é habitada por elementos de ambientes da natureza, retomemos o verso “Entre espadas cruzadas de verdes ramos” onde se encontrará a deusa. Ártemis é revelada no poema como intocada, ao aprofundar o termo “ninfa”, que deriva do grego e significa “noiva”. Ao fazer uma correlação com o poema, pode-se interpretar que a deusa é noiva da própria natureza, uma selvagem imortal, protetora que vive solitária, os fragmentos comprovam a solidão da ninfa “E não seria o som – nem mesmo o sopro mais ligeiro – companheiro da nudez velada [...]”.

A crítica Constança Marcondes Cesar (1999, p.469) analisa a poesia de Dora e chega à conclusão de que há a enunciação da presença de deusas “numa época da morte de Deus, tempo de carência e de ausência do sagrado”. De acordo com a visão de Constança, a poeta Dora traz a vitalidade das deusas nos poemas e assim celebra a “renovada atenção aos mitos gregos lembrando que os deuses vivem em nós (...)” (SILVA, 1999, p.469).

A forma como Dora expressa em sua poesia permite que o próprio ser distancie de si e sinta os turbilhões de sentimentos nesse mundo transponível, conhecendo as deusas, o maravilhoso, o incomum. É manifestada a poeta, a artista que decifra todo o acontecer, por esta perspectiva, conforme Collot realiza-se o lirismo e evidencia o sujeito moderno.

Considerações finais

Este artigo teve como intuito discutir a subjetividade através do sujeito lírico, apreendidos segundo Combe (2009-2010) como estado íntimo conferido ao “eu” poético, esvaziamento do ser para experimentar as coisas do universo desconhecido e assim conhecer o inefável e estar fora de si como propõe Collot (2013). Entender que a subjetividade na poesia lírica contemporânea não está somente intimamente ligada à identidade do sujeito, aspecto tradicional, mas ela é ressignificada num visão ampla, pois a subjetividade moderna pode estar relacionada à fragmentação da consciência do sujeito, reconstituindo o sujeito lírico através das coisas ou objetos.

Outro fator preponderante é entender que na obra poética de Dora Ferreira da

Silva (1999) o clássico e o contemporâneo são presentes, uma vez que a poetisa busca a temática mitológica (tradicional) para resgatar por meio do vigor das deusas, a essência humana, também configura a presença do feminino para mostrar os valores que são sagrados e ocultados no universo feminino mediante a supressão e austeridade imposta pelo homem.

A expressividade da poesia é demonstrada como uma peculiaridade dos temas de Dora Ferreira para que o leitor reflita sobre as identidades e os valores que vão se fragmentando e perdem-se em meio a uma sociedade em massa que prima por questões de interesse financeiro, consumo e perde hábitos e valores culturais sagrados que enriquecem espiritualmente e humanamente.

Assim, a poetisa Dora, com sua imaginação fértil, mostra que através de sua vocação poética, considera que o papel do poeta é mostrar, questionar e transformar o que estava na penumbra, perseverando, por mais que a humanidade esteja a caminho da dessacralização, o ressurgimento para irradiar a alma subterrânea, numa corrente espiritual que o inadequado, o transumano ganha forma e força, abrindo para novos horizontes que somente a poesia é capaz de suscitar.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **Mitologias**. Trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 11ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOSI, A. **O ser e tempo da poesia: Poesia-resistência**. 8ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAMARGO, G. O. BUARQUE, J. Inscricões da subjetividade na poesia contemporânea brasileira e portuguesa **in: Fronteiras de paragens líricas**. 1ª ed. Goiânia: Cãnone Editorial, 2016.

CANNABRAVA, E. Decisào poética em Dora Ferreira da Silva. In: **Poesia Reunida**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

CESAR, C. M. O poeatar pensante de Dora Ferreira da Silva. In: **Poesia Reunida**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

COLLOT, M. O sujeito fora de si. **Revista Signótica** Trad. Zênia de Faria, Cesaro, Patrícia Souza Silva. Goiânia, Vol.25, n 1, p.221-241, 2013.

COMBE, D. A referênciã desdobrada. O sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia. Trad. Iside Mesquita e Vagner Camilo. **Revista USP**, São Paulo,

n.84, p.112-128, 2009-2010.

COSTA, K. P. M. **Dora Ferreira da Silva e Hilda Hilst**: a criação poética na imagem “pássaro” e no mito de Ícaro. Secretaria Municipal de Educação, Uberlândia, p. 1-8. Agosto 2015.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

GUIMARÃES, M. S. B. A reconstrução do universo feminino na poesia de Dora Ferreira da Silva. In **O canto imantado**. Tese de doutorado. Inédito, Universidade Federal de Goiás, 2006.

MELLO, A. M. L. **Poesia e imaginário**. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

PAZ, O. **O arco e a lira**: Poesia e poema. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PAZ, O. **Os filhos do barro**: do romantismo à vanguarda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PEIXOTO, P. M. **Mitologia Grega**. São Paulo: Germape, 2003.

ROSA, J. C. A poesia como forma de leitura do mundo In: **Fronteiras de Paragens líricas**. 1ª ed. Goiânia: Cãnone Editorial, 2016.

SILVA, D. F. **Poesia Reunida**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

STAIGER, E. **Estilo lírico**: A recordação. Trad. Celeste Aída Galeão, Rosa Carino Louro. Revista, na parte grega. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1993.